

SIMPLES E PRECIOSO... SIMPLE AND VALUABLE...

Adriana Claudia Martins Fighera¹

teacheradrianacm@hotmail.com

Hoje, servi-me da ousadia e da simplicidade do pensar em si.

Assim, na companhia de um outrem, mais uma vez passo a me gastar no eterno e desejado chão. Na ausência de minhas fronteiras, faço-me ponte, compartilhando o antes e o depois em um apenas e um agora, singulares...

Dialogo... Há quem diga que avalio a aprendizagem de escreventes de si com outros e por outros, sem chances para negar. Falam, ainda, que eu me guardo em modificados e avivados lugares a partir dos ensejos de registros proibidos e, ou, particulares.

Produtivo na insônia da noite, desenho sem linhas e nessa estética não faço barulho, vigio para ninguém acordar. Na penumbra, constituo-me não ocioso e menos simétrico em face de algum cilindro. Fantasio-me no desconsiderado e contraditório axioma.

Sou a flexibilidade no ajuste de contas, reelaboro o processo do que antes foi muito rápido para atentar; todavia, lamento, pois não posso ter minhas próprias palavras e batalhas, meu quase viver é guiado pela opinião de quem na ambição venha me consumir.

De aparência excêntrica e duvidosa, sou sempre na gramática muito *comum*, porém consentido na certeza de que com todos posso fazer sem estar preso às mãos. Conecto corpo e alma na simplicidade de poemas, quando posso ser terno e discreto para deixar uma única cor comunicar.

Acompanho quem está sozinho, a fim de registrar letras em mosaicos no compasso do que eu mesmo autorregulo. Na escuridão sou a ideia de muitos pensares, textos e escuta do outro que me usa. Assim, sou possibilidade de interlocuções, intertextos, lugares outros, releituras, interpretações, sentimentos vespertinos sem chorar ao entardecer.

Faço versos e conto o pensamento... Sirvo-me da saudade, do tempo que apagado se tornou rascunho onde não moro mais. Quando me sobra um raio por entre as frestas do escondido dito, transcrevo sob um abajur de escassa luz, encontro sentidos em palavras e não temo, pois não preciso

¹ Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS; Mestre em Letras/Estudos Linguístico na Universidade Católica de Pelotas/RS, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e também Graduada em Letras, Português, Inglês e Literaturas no Centro Universitário Franciscano/RS. Professora Substituta no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

ser benquisto enquanto me justifico. Por fim, entendo que é na experiência da escrita que repousa o curioso a observar certa aurora na luz.

Protegido na mão de um autor, em uma via a leste ou a oeste, eu escrevo quem sou. Sou reconhecido como *Conrad Gessner* ou, se quase famoso, um mais tardio *Faber*. Olho para mim, para minha espada, cuja haste eu gasto a serviço da memória e no escavar do frágil naco de papel, sobrevivo.

Sou procurado sempre que estou a serviço da distraída moça, cuja cabeleira não pode ser surpreendida por si só e, logo, sou substituído. Versátil, significo um igual que na alvorada de um incerto dia foi concebido para se arriscar, riscando. Partícipe da vida de todos em tantos tempos e espaços, mas que como instrumento não assina, não justifica ser, mesmo que nascido em meio milênio de aniversários, então, sou nada especial, um necessário e redecorado qualquer.

Fruto da criatividade e da necessidade humana, sou a razão de um consumo não caro a borrar os dias e as histórias de quem pensa e padece no ansiar. Visito torres, museus, escolas, hotéis, eventos, franquias, festas sem nunca comemorar, sou inclusive, a tua lembrança dos melhores passeios e momentos que vais lembrar.

Na contradição de que diamante eu seria, sou o contrassenso na mão do coração ensaiando biografias. Habito no inanimado solo de tantos livros teus, permaneço entre páginas mal ou bem lidas, marcadas antes de nosso adeus. Um acontecimento do tecer no ler, que fica exausto por atender a memória que brota e brota... Agora, permito-me descansar sem paz, pois não está longe a temida borracha, todavia brindo à faca que me faz.

Sou colecionável e me angustia a poeira do esconderijo e inútil armário de muitas casas. Sem me expressar, sou um solitário na ausência do definido artigo singular. Sou o nobre perdendo a oportunidade de ser...

Sou o Lápis!